

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

INDICE  
CENTRO DE HUMANIDADES

COORDENAÇÃO DO CURSO DE

ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO

BRASIL REPÚBLICA

CAMPUS II

2 - CAPÍTULO

Monografia conclusiva do Curso de  
Especialização em História

3 - CAPÍTULO II

A INFLUÊNCIA DA MODA FRANCESA NO VESTUÁRIO

FEMININO BRASILEIRO 1889 - 1920

A INFLUÊNCIA DA MODA FRANCESA NO  
VESTUÁRIO FEMININO BRASILEIRO

(1889-1920)

4 - CAPÍTULO III

ASPECTO DA MODA FEMININA BRASILEIRA  
Maria Goreth C. Macêdo

5 - CONCLUSÃO

Orientador: Durval Muniz A. Júnior

6 - BIBLIOGRAFIA

Campina Grande - PB

Janeiro - 1996



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

## ÍNDICE

|   |    |
|---|----|
| 1 - APRESENTAÇÃO.....                               | 02 |
| 2 - CAPÍTULO I                                      |    |
| EVOLUÇÃO DA MODA NO OCIDENTE.....                   | 05 |
| 3 - CAPÍTULO II                                     |    |
| A INFLUÊNCIA DA MODA FRANCESA NO VESTUÁRIO          |    |
| FEMININO BRASILEIRO 1889 - 1920.....                | 15 |
| 4 - CAPÍTULO III                                    |    |
| ASPECTO DA MODA FEMININA NO BRASIL (1920-1930)..... | 25 |
| 5 - CONCLUSÃO.....                                  | 28 |
| 6 - BIBLIOGRAFIA.....                               | 31 |

**APRESENTAÇÃO:**

Neste ensaio monográfico procuro fazer um levantamento de um determinado conceito de moda - em especial a moda do vestuário feminino - e traço algumas características da moda no ocidente, num período que vai entre os séculos XIV e XX.

Além de uma evolução da moda no ocidente, falarei ainda de influências estrangeiras na forma de vestir-se brasileira - em especial a influência francesa na moda da mulher brasileira, e num terceiro capítulo apresentarei algumas fotografias de mulheres e comentarei sobre seus trajes.

Convém aqui discernir a que tipo de moda estou me referindo pois existem vários tipos de modas - modas políticas, modas econômicas - mas, a moda que nos interessa é a moda ligada ao costume de vestir-se. Gilda de Melo e Souza fala o seguinte a respeito de moda:

"O conceito de moda como sequência de variações, constantes, de caráter coercitivo, é empregado pelos estudiosos da sociologia, da psicologia social ou da estética, em dois sentidos. No primeiro, mais vasto, abrange as transformações periódicas efetuadas nos diversos setores da atividade social, na política, na ciência, na estética, na religião - de tal forma que se poderia falar em modas políticas, religiosas,

VOGUE N  
FEB 1970

científicas, etc. É o ponto de vista de <sup>3</sup> Gabriel Tarde. No presente trabalho, tomamos o termo no segundo sentido, mais restrito, reservado as mudanças periódicas nos estilos de vestimenta e nos demais detalhes da ornamentação pessoal."(1)

Tomarei o termo moda como o costume de vestir-se e ornamentar-se - procurando, portanto, estudar as várias mudanças nos estilos de roupa e os vários significados que adquire cada forma de vestir.

A história dos costumes no Brasil, foi de certa forma, deixada de lado pelos nossos historiadores, em especial o costume de vestir-se. A partir do entendimento da cultura de um povo, em uma determinada época, é possível entender a mentalidade deste povo. O cotidiano de uma determinada sociedade, é demonstrado, não só nos seus atos políticos, administrativos e econômicos, mas também, através de seus hábitos alimentares, suas maneiras de vestir-se, de divertir-se, etc.

A moda representa sexualidade - necessidade simbólica de parecer bonito e ostentar poder e riqueza. A ornamentação pessoal, transformou-se no mundo atual - pós-moderno -, numa forma de manter o status, momento em que todos os privilégios de títulos foram abolidos. A moda é sobretudo efêmera.

A moda como fenômeno de ostentação pessoal é milenar - nas mais antigas sociedades a necessidade de

(1) SOUZA, Gilda de Mello - "O ESPÍRITO DAS ROUPAS": A moda no século XIX. 1ª ed., São Paulo, Ed. CIA. DAS LETRAS, 1987, p-19.

O TERMO  
MODA,  
S) CULTURA

O que é cultura  
e mencionar

por que?  
CONTRADIÇÃO  
O CONCEITO

?  
PAREDO

RECURSO  
A - HISTÓRIA  
E TRANSCUR  
TARDE

ostentação pessoal já existia - agora como fenômeno sofisticado, de vida efêmera, é típica do capitalismo que impõe. ?

**CAPITULO I**

**EVOLUÇÃO DA MODA NO OCIDENTE**

## EVOLUÇÃO DA MODA NO OCIDENTE

A Concepção que tenho sobre os costumes da vestimenta é que ela sempre existiu, mesmo entre as comunidades mais antigas. A preocupação com a ornamentação do corpo, com o parecer bonito é percebida até mesmo entre os indígenas.

Gilles LIPOVETSKY acredita que a moda é um fenômeno social que se caracteriza a partir do século XIV - momento de supervalorização do homem e de crise da nóbrega feudal.

"Durante a mais longa parte da história da humanidade, as sociedades funcionaram sem conhecer os movimentados jogos das frivolidades. Assim, as formações sociais ditas selvagens ignoraram e conjugaram implacavelmente, durante sua existência multimilenar, a febre da mudança e o crescimento das fantasias individuais. A legitimidade incontestável impuseram em toda parte a regra da imobilidade, a repetição dos modelos herdados do passado, o conservantismo sem falhas da maneira de ser e de parecer. O processo e a noção de moda, em tais configurações coletivas, não têm rigorosamente nenhum sentido. Aliás, não que os selvagens mesmo fora dos trajes cerimoniais, não tenham por vezes o gosto muito vivo das ornamentações e não procurem certos efeitos estéticos, mas

COSTUMES DE  
VESTIMENTA

ORNAMENTAÇÃO  
DO CORPO

MODA

ÓTIMO

PARA  
CONTRAPOR

SEUS "LUGAR"  
MENTOS =

nada que se assemelhe ao sistema <sup>6</sup> de  
moda". (2)

Não concordo com Gilles LIPOVETSKY, quando o mesmo  
apega-se a um certo conceito de moda - moda como fenômeno  
efêmero - neste caso realmente a moda só se concretiza a  
partir das mudanças ocorridas, no Ocidente, na época  
moderna. E as sociedades orientais não têm moda? E a forma  
de vestir das nossos antigos indígenas, não é uma moda de  
vestir? Moda para mim, (no sentido estrito), é o costume de  
vestir-se que cada sociedade tem - seja nas sociedades  
antigas do oriente ou do ocidente -, seja entre nossos  
indígenas. Não descarto, portanto, as influências  
estrangeiras que cada sociedade sofre, na sua forma de  
vestir-se. A moda é um fenômeno socialmente e culturalmente  
constituído, vivenciado por cada população, de uma  
determinada noção?

Gilda de Melo e Souza tem mais ou menos a mesma  
idéia sobre a origem do fenômeno "moda". Gilda como Gilles,  
acreditam na moda como um fenômeno que está sempre em  
mudanças constantes, e que, por isto, entre as comunidades  
antigas não teria havido propriamente uma moda no vestuário.

"A moda não é um fenômeno universal, mas  
próprio de certas sociedades e de certas  
épocas. De maneira geral podemos dizer  
que os povos primitivos a desconhecem.  
(...) É a partir do renascimento quando  
as cidades se expandem e a vida das  
cortes se organiza, que se acentua no  
Ocidente o interesse pelo traje e começa

(2) LIPOVETSKY, Gilles - "O IMPÉRIO DO EFÊMERO - A moda e seu destino nas sociedades modernas, 1ª  
reimpressão, Ed. CIA DAS LETRAS, São Paulo, 1991. p-74.

SU CONCEPTO  
DE MODA É  
DISCUTIR E  
SEUS REGIMEN  
TOS N' S COM  
CENTES  
E O CONTRA  
RIO  
CONFUSO  
N SE FAZ ISTO  
EM UM TRABA  
ACADÊMICO  
ÓTIMO P  
CONTRAR  
AOS SEUS  
REGIMEN

a acelerar-se o ritmo das mudanças. <sup>7</sup> A aproximação em que vivem as pessoas área urbana desenvolve, efetivamente, a excitabilidade nervosa, estimulando o desejo de competir e o hábito de imitar" (3).

SEUS ARGUMENTOS  
NÃO SÃO CONVENCIENTES

Concordo com a idéia de que, nas sociedades urbanas, a moda tem um alto grau de transformação - está a todo momento mudando - mas acredito que tenha existido moda desde os tempos mais remotos. A moda vestiária passa a ser um objeto de ostentação de riqueza - sinônimo de status social - entre a nobreza da corte, no início da época moderna, passando a ter uma vida muito mais efêmera do que nas sociedades antigas, mas nem por isso, suas origens remonta<sup>M</sup> as sociedades modernas.

IDEM

Se tomarmos como base este conceito de moda - moda como fenômeno de mudanças constantes - em nenhum momento podemos dizer que a moda faz parte dos costumes. A forma de vestir-se não é um costume?

Gilda de Melo e Souza concebe costume como algo tradicional, averso as mudanças, não concordo com este conceito de costume.

COSTUMES - ARGUMENTOS  
HEM?

"Todos os sociólogos concordam que a moda se encontra em oposição aos costumes. Em "Les Lois Del imitation, tarde distingue ambos, dizendo que os costumes cultuam o passado, ligando-se à tradição, e a moda cultua o presente, adotando sempre a novidade" (4)

(3) SOUZA, Gilda de Melo - Op., cit., p.20-21  
(4) SOUZA, Gilda de Melo - Op. cit., pp-19-20.

A moda na antiguidade, ou entre comunidades tribais, modifica-se menos, mas não significa dizer que não tenha existido; nem sempre o tradicional significa algo parado no tempo, que não se movimenta.

O período moderno, é marcado por um conflito entre as sociedades burguesas que querem ostentar poder e identificar-se com a nobreza feudal, e também a nobreza feudal falida, tentando ostentar riqueza e poder - investe por demais nas aparências - ambas, burguesa e nobreza - pretendem firmarem-se como classes, para ter o controle político no mundo ocidental. A moda atinge o seu momento máximo de efemeridade a partir de então.

"No século XVII a burguesia está lançada francamente na competição e no século XVIII repontam todas as características da moda tal como hoje a concebemos. Contudo, é no século XIX, quando a democracia acaba de anular os privilégios de sangue, que a moda se espalha pro todas as camadas e a competição, ferindo-se a todos os momentos, na rua, no passeio, nas visitas, nas estações de água, acelera a variação dos estilos, que mudam em espaços de tempo cada vez mais breves" (5)

Os séculos XIX e XX são marcados pelo momento de apogeu do fenômeno da moda - marcados pelas disputas, pelos individualismos -, o gosto pelo exótico é o que prevalece. É por volta do meado do século XIX, que aparece a Alta

(5) SOUZA, Gilda de Melo - Op. cit., pp-21-22.

ARGUMENTOS  
 QUEM FIRMAR?  
 1573?  
 REDUZIR  
 SOFRÍVEL

A ALTA  
 COSTUR  
 S.C. XIX

Costura e a confecção industrial - ambos fenômenos de origem européia.

A moda como arte, como sistema surge a partir de então, com características efêmeras - o presente é o que importa, o gosto pela novidade, a exuberância, a extravagância em ostentação é o que importa. Esse é o espírito da moda no mundo Ocidental.

A confecção industrial surge como resultado do boom industrial inglês, promovendo a partir de então a produção em série - os modelos são barateados e passam a serem mais práticos, menos ostensivos.

*"A confecção industrial precedeu o aparecimento da Alta Costura. Desde os anos de 1820 instala-se na França, a imitação da Inglaterra, uma produção de roupas novas, em grande série e baratas, que conhece um verdadeiro impulso depois de 1840, antes mesmo da entrada na era da mecanização com a introdução da máquina de costura" (6)*

Após o surgimento da costura industrial é que surge o fenômeno da Alta Costura, - os profissionais da Alta Costura, preparam suas coleções, e vendem aos clientes estrangeiros, apra a produção industrializada - confecção industrial.

Nos meados do século XIX, a moda surge como fenômeno altamente sofisticado, - a novidade são os desfiles de modas, onde as coleções outono/inverno são apresentadas aos clientes estrangeiros.

---

(6) LIPOVETSKY, Gilles - Op. cit., p-71

"Outono de 1857 - inverno de 1858? Charles Frédéric Worth funda, na Rue de La Paix em Paris, sua própria casa, primeira da linhagem do que um pouco mais tarde será chamado de Alta Costura. ele anuncia? vestidos e mantôs confeccionados, sedas, 'altas novidades', mas a Worth, de quem a moda atual continua herdeira, reside em que, pela primeira vez, modelos inéditos preparados com antecedência e mudados frequentemente, são apresentados em salões luxuosos aos clientes e executados após escolha, em suas medidas." (7)

Os desfiles de moda, leva<sup>m</sup> ao conhecimento do público, e modelos altamente sofisticados. - A moda adquire o caráter de objeto de consumo. O objetivo principal destas casas de Alta Costura é lançar uma marca - Uma Griffe - criar nome -. A moda transforma-se numa indústria de luxo.

"Depois de Worth, outras casas de Alta Costura surgiram, tais como: Rouff (1881), Paquin (1891), Callot Sweus (1896). Doucet que mais tarde empregará Poiret (1880), Lanvin (1909), Chanel e Patou em 1919. Todas estas casas de Alta Costura funcionavam nos mesmos padrões de Worth.

Paris tornou-se o centro da moda, após o surgimento de costureiros famosos e dos desfiles de moda. Com o surgimento da Alta Costura, a confecção industrial ver-se obrigada a intercar-se a mesma. E esse intercâmbio funcionava da seguinte forma:

---

(7) LIPOVETSKY, Gilles - Op. Cit., p-44.

11

"As coleções, apresentadas em primeiro lugar aos representantes estrangeiros (sobretudo americanos e europeus), são em seguida apresentadas aos clientes particulares, duas ou três semanas mais tarde, os profissionais estrangeiros compram os modelos de sua escolha com o direito de reproduzi-los no mais das vezes em grande série em seus países. Munidos dos modelos e das filhas de referências dando as indicações necessárias para a reprodução do vestido, os fabricantes, a exceção contudo dos fabricantes franceses (...), podiam reproduzir as criações parisienses simplificando-as" (8)

A simplificação tornava a vestimenta mais barata, e ao mesmo tempo, a clientela estrangeira estava na última moda em Paris. É assim que Paris obtem sua hegemonia no lançamento de Griffes - no lançamento de moda.

No pós-guerra, <sup>o que guerra?</sup> assiste-se a uma verdadeira revolução na produção de moda feminina, promovida por Poiret, Patou e Chanel - o espartilho é substituído pelo sutien, as saias de arrastar são substituídas pelos vestidos curtos, os chapéus são simplificados. A moda passa a ter um caráter mais prático.

A hegemonia da moda feminina francesa é afetada pela produção norte-americana, em especial a partir dos anos 20. Também, a hegemonia inglesa, sobre a roupa masculina, é afetada a partir deste mesmo período. A esse respeito fala Gilberto Freyre.

"A verdade é que a influência da moda Francesa de mulher veio a ser superada pro outras influências. Inclusive a que parece ter vindo inicialmente dos E.U.A. com a moda chamada de Flapper, saída de uma New York de modo cuidadosamente

(8) LIPOVETSKI, Gilles - Op. cit., p-73.

criativo e consagrado, nas formas de <sup>12</sup> corpo de mulher moderna, influências masculinizantes, ao que parece, suscitadas pela idealização dos jovens heróis americanos na primeira guerra. É uma influência que, sob perspectiva sociológica, não vem sendo considerado tanto quanto, talvez merece. Foi o primeiro surto, em termos artísticos, em moda de mulher, de um pudor para o unissex que alcançaria tanta receptividade" (9)

Podemos concluir que, a moda no Ocidente passou por vários estágios até os anos de 1960, quando surge o fenômeno do Prêt-à-Porter. Uma primeira evolução dá-se com Poiret, Chanel e Patou, depois entra a concorrência norte-americana com as roupas unissex. Tudo isto, afeta em especial, a moda parisiense sempre preocupou-se em definir a separação entre os sexos - a mulher usa vestidos, o homem usa calças -. Ao contrário do estilo norte-americano, que além de vestidos bem práticos, coloca a disposição as roupas esportes e unissex.

Além do mais, a Alta Costura parisiense vem sofrendo uma crise - as vendas são mantidas em função de outros produtos como: perfumes, jóias, adornos em geral. A partir dos anos de 1950, a Alta Costura entra em decadência, do ponto de vista das vendas, não em termos de qualidade. O Prêt-à-Port substitui de certa forma a confecção de luxo.

*"A idade de ouro da moda moderna tinha como epicentro a Alta Costura Parisiense, laboratório das novidades, polo mundial de atração e de imitação tanto na confecção como na pequena*

(9) FREYRE, Gilberto - Modas de homem e modas de mulher - 2ª ed., Rio de Janeiro, RJ, ED. RECORD, 1986. p.108

13  
costura. Esse momento aristocrático e centralizado terminou. Sem dúvida as casas de Alta Costura continuam a apresentar em Paris suas produções bianuais suntuosas diante da imprensa internacional, sem dúvida continuam a gozar de um renome ilustre e podem exibir uma cifra de negócios global em constantes expansão, apesar mesmo do marasmo econômico atual.<sup>(10)</sup>

Desde o início do século que as casas de Alta Costura em franca decadência, passam a lançar produtos novos no mercado - Paul Poiret lançou a marca Rosine (perfume); Chanel - lançou o perfume nº 5, famosíssimo pelo sucesso; em 1921 Mme. Lanvin cria Arpège, perfume também, e em 1923, Patou lança o Perfume Joy.

A revolução na produção de roupas na atualidade é o fenômeno do Prêat-à-Porter.

*"Mas a verdadeira revolução que destruiu a arquitetura da moda de cem anos é a que transformou a lógica da produção industrial: corresponde à irrupção e ao desenvolvimento do que chamamos de Prêat-à-Porter. É em 1949 que J. C. Weil lança na França a expressão "Prêat-à-Porter" tirada da fórmula americana ready to wear, e isso a fim de libertar a confecção de sua má imagem de marca. A diferença da confecção tradicional, o Prêt-à-Porter engajou-se no caminho novo de produzir industrialmente roupas acessíveis a todos e ainda assim "moda" inspiradas nas últimas tendências do momento. Enquanto a roupa de confecção apresentava muitas vezes um corte defeituoso, uma flata de acabamento, de qualidade e de fantasia, o prêt-à-pórtier quer fundir a indústria e a moda, quer colocar a novidade, o estilo, a estética na rua". (11)*

(10) LIPOVETSKY, Gilles - Op. cit., p-108.

(11) LIPOVETSKY, Gilles - Op. cit., p-109-110.

PRÊAT-À-  
PORTER

Neste momento, pós-moderno a moda encontra-se, pouco suntuosa, prática, unissex, e muitas Griffes podem chegar ao comércio, num preço acessível, mas não podemos dizer que atingiu as camadas baixas - nem todo mundo pode comprar uma roupa de griffe, de marca -. Isto é utopia. Além disto, a moda Ocidental é sobretudo, um produto de venda, que visa atingir um determinado público, e que na maioria dos casos, apresenta-se como um produto confortável e bonito; neste caso a razão do consumidor não é estimulada. Os tecidos nem sempre são compatíveis com o clima. A moda, como qualquer produto de venda, que quer agradar o consumidor, é simbolo de irracionalidade, de extravagância, de incoerência.

- POR QUÊ?

A RAZÃO?  
EXAGERO,  
ESPECIES  
ENCONTRADA  
UM DIA COM  
ROUPA DE  
DU SÉCULOS, IDEIAS  
CIVILIZADAS, EXTREMAMENTE  
SANTO E INCOERENTE.

## CAPÍTULO II

# A INFLUÊNCIA DA MODA FRANCESA NO VESTUÁRIO FEMININO BRASILEIRO 1889 - 1920

A INFLUÊNCIA DA MODA FRANCESA NO VESTUÁRIO FEMININO  
BRASILEIRO - 1889 - 1920.

Podemos dizer que o Brasil é um importador de moda?

O Brasil desde suas origens - remontando ao Período Colonial - nasce como país, tipicamente exportador de matérias-primas e importador de produtos manufaturados. O Período Colonial é marcado por uma orientalização nos trajos de homens e nos trajos, adornos e penteados das mulheres brasileiras, uma consequência do comércio Português no Oriente. Uma das influências orientais nos trajos de brasileiros são as cores fortes que aparecem, tanto em trajes populares, como em trajos das pessoas da côrte.

Com a chegada da Côrte Portuguesa no Brasil, abrem-se as portas às nações amigas, - e com isto, vários produtos manufaturados - roupas, sapatos, chapéus, tecidos, ferramentas, alimentos, etc. - chegam ao Brasil. A partir de então a influência européia na vestimenta acentua-se.

*"Esse toque de sugestões orientais em trajos e em adornos - resultados de não pouco contactos do Brasil colonial com o oriente - desapareceriam com a reeuropeização em consequência da transferência da corte portuguesa - e*

16  
brasileira - de Lisboa para o Rio de Janeiro, com a qual coincidiu a abertura dos portos brasileiros às nações européis - particularmente ao comércio britânico privilegiado, mas também ao Francês. E com relação a modas de mulher, a predominância viria a ser a da influência francesa. (...) inclusive com relação a cores nos trajos"<sup>(12)</sup>

As cores vivas nos trajos, era de influência oriental, e este costume, nas roupas brasileiras do período imperial é bem acentuado.

Vindo da Europa qualquer coisa que chegasse ao Brasil era digno do mais alto valor. A moda feminina brasileira recebeu influência francesa - toda vestimenta, adorno, penteado à la França era considerado chic. - Mas, até quando essa influência permaneceu? Os modelos de vestidos franceses eram adaptados ao clima e ao estilo de vida das brasileiras?

Apesar da influência francesa no traje feminino, podemos dizer que havia uma particularidade brasileira. Os modelos poderiam serem os mesmos, mas os vestidos poderiam serem usados no Brasil em eventos totalmente diversos de eventos Europeus. O tipo de vestimenta corresponde também, a cultura de cada povo, a concepção de mundo de cada povo.

Hoje em pleno século XX não dá para falar de uma moda nacional. A moda hoje é um sistema internacionalizado e sendo assim podemos falar de influências de moda no Brasil. Antes da chegada da corte portuguesa, a influência de moda

(12) FREYRE, Gilberto. Op. cit., p. 130-131.

ONDE  
VOCE VE  
+ PUELO  
DIZO  
BRASILIA

no Brasil, sobretudo de tecidos e cores foi oriental. Com a abertura dos portos brasileiros as nações amigas - acontece uma espécie de reeuropeização da sociedade e da cultura brasileira -. A penetração de produtos europeus - franceses, ingleses, italianos. - tornou-se intensa. A côrte imperial, vestia-se à lá França, e todas as mulheres da elite acompanhavam a moda da côrte. Com o advento da República, a influência da moda francesa continua, e dá-se sobretudo através de seus livros, de seus artistas e do teatro.

Os tecidos, além dos modelos, vinham da Europa e do Oriente. Os mais usados eram - "os cretones à prussiana!", "os cretones da india", "os cretones ingleses" e "os cretones belgas"; gozes de seda branca e de outras cores; "chaly's" (espécie fina de chita); "Pekins da China" vindos da Europa; Fazendas de lã vindas de Paris; "Foulardinas"; "Batista" (cetim branco da india); "Irlandesa"; "Jaine de lã" e outros.

Esses tecidos eram caríssimos e em certos casos quentíssimos - em épocas de verão, deveria ser um martírio vestir-se com os mesmos.

O Brasil do final do Império e começo do século XX, é um país aristocrático e patriarcal. As maiores preocupações das moças de família era ostentar a riqueza dos pais, e as mulheres a dos maridos.

O cotidiano destas jovens e senhoras das elites, era bem movimentado - participavam de chás, iam ao teatro, a missa e visitavam as lojas de roupas e sapatos importados.

Além disso, estas senhoras procuravam sempre copiar modelos das atrizes famosas vindas de Paris.

"A vida teatral do começo do século era bastante animada. Os intervalos dos espetáculos - contra o jornalista Luiz Edmundo - são sempre muito interessantes (...) No lyrico, por exemplo, o que interessa é a moda (...) As grandes cocotte são figurinos obrigados nos recintos de assinatura, onde se exibem mostrando toilettes maravilhosas (...) as famílias que lhes copiam o feitio das blusas, a forma dos chapéus e o talero do monteaux, sabendo-lhes de cor os nomes, e conhecem-lhes os amantes".(13)

No Rio de Janeiro e São Paulo, as lojas de artigos importados viviam lotadas - desde louça, chapeús, sapatos, tecidos, prataria, tapetes, etc. A movimentação era mais acentuada no Rio de Janeiro.

"Luxo e requinte nas lojas da Avenida: Quanta honra, senhora baronesa. Em que podemos servi-la? As lojas da Avenida Central vendiam de tudo. Qualquer artigo necessário, à elegância pessoal ou doméstica lá podia ser encontrada em lojas amplas e espaçosas, muito diferentes das salas acanhadas da rua do Ouvidor.

Desejava a madame uma peça de cerâmica reproduzindo um Deus grego, para o jardim de mansão? Ou preferiria um mobiliário francês à Luis XV? Louça do Porto, decorada com motivos sagrados ou profanos? Imagens Sacras? Prataria Inglesa ou Alemã? Ou talvez desejasse apenas um chapéu novo (modelo Paris). Uma sombrinha roupa branca, ou um vestido talhado ao dernier Cri da moda francesa? Qualquer coisa que desejasse madame, desde que dentro dos padrões da alta moda, podia ser encontrada na Avenida Central.

(13) NOSSO SÉCULO - A Era dos Bacharéis - 1900/1910, Abril Cultural, São Paulo, 1983. Ed. Org. pela Abril S/A Cultural Industrial, p. 226.

19

As senhoras vetustas, trajadas de escuro, vinham em tálburis desde suas imensas mansões nas Laranjeiras ou São Clemente. Deixavam a porta das lojas, os Cocheiros esperando, entravam e sentavam-se, enquanto pressurosos caixeiros faziam desfilar diante delas ricas mercadorias importadas." (14)

A influência Francesa na mdoa era acentuada, tudo era importado - luvas, sapatos, chapéus, leques, lenços, chales, vestidos e tecidos. Mas, também se importava outros objetos, além do vestuário. Tudo que chegasse da Europa e do oriente era digno de elogio, de valor. As mulheres chegavam ao ponto de usarem roupas quentes, de veludos, roupas para neve, só por que estava na moda em Paris.

CONTINUA  
SUA  
HIPÓTESE

Era um verdadeiro martírio, aqueles vestidos do fim do império - longos e com caldas, as saias de arrastar com suas anáguas, os espartilhos - tudo leva a crer que, exigia uma calma, uma perseverância muito grande, para aguentar. Este era o preço de se estar na moda.

A influência Francesa, apresentava-se nas peças de teatro, nos livros lidos, nas músicas tocadas, em todos os setores da cultura brasileira. Gilberto Freyre chega até a falar, num imperailismo da cultura francesa no Brasil.

Era comum a visita de rapazes e moças à França, chegando até a cursarem faculdade lá. Neste período, a vestimenta feminina brasileira era sempre os vestidos longos, muitos com caldas, luvas, esparilho e saias com anáguas estufadas. No final do século XIX observa-se também

(14) NOSSO SÉCULO - A Era dos Bacharéis - Op., Cit., p-42

nos albuns de família - vestidos com golas altas até o pescoço, e as mangas largas na parte do punho, com muitos babados.

"Durante longos anos, o Brasil, como espaço social, ou sócio-cultural, reagiu com excessiva timidez e quase sem ânimo ecológico de resistência ou de inteligência adaptadora ou abasileirante, à importação de artigos franceses de modas femininas, masculinas, infantis. Aconteceu a certa altura, importarem-se, da França, enxovais inteiros de casamentos e batizados. As modas de cores de vestidos, de enfeites de chapéus, de espartilhos, de Penteados, eram seguidas passivamente por mulheres ou senhoras elegantes do Brasil. E impostas, como que teranicamente, aos filhos pequenos, vestidos - inclusive, de meninas - segundo modas européias para crianças. Portanto, modas, algumas delas, que, correspondendo a climas temperados ou frios, foram a tortura. Abusos, em pleno Rio de Janeiro, de modas, para mulheres, de capas de peles para invernos franceses, luvas, de outras defesas contra excessos europeus de frio, de neve, de gelo." (15)

CONTRADITÓRIA  
HIPÓTESE

Como coloca Gilberto Freyre - a moda de vestidos longos e fechados não combinava com o clima do Brasil. Mesmo não combinando, as pessoas usavam - pelo prazer de estar chic, e de está na moda parisiense.

A pessoa que tentasse reagir contra esse imperialismo cultural Francês, era considerado não elegante. Não podemos pensar de forma tão cética como Gilberto Freyre - mesmo chegando esses modelos de Paris - aqui no Brasil, os trajes poderiam serem usados em ocasiões diferentes, em

O uso  
é que é  
aceite?

(15) FREYRE, Gilberto - Op. cit., p-15.

condições sociais diferentes. Esses modelos adotados aqui no Brasil, adquire na minha opinião um toque brasileiro.

A primeira década do século XX assistiu a uma revolução no vestuário, quando Poiret aboliu o espartilho e maior ainda, quando Chanel - costureira francesa - aboliu o luxo vistoso dos vestidos. A partir de então, os vestidos foram encurtados e as fanfeluches dos chapéus foram abolidas.

Patou - outro costureiro francês, também criou saias plinssadas curtas e suéteres, abolindo o uso dos vestidos longos.

Aqui no Brasil, observa-se também uma certa revolução na forma de vestir-se, no pós-guerra. Os vestidos passam a serem no meio da perna e os tecidos leves tipo jersey são muito comum. As cores usadas são sempre claras e os chapéus praticamente são abolidos. Os cabelos estão mais curtos. Aparece também nos vestidos um discreto decote e as mangas são geralmente curtas. (ver fotografia em anexo/revista de 1922/"Era nova").

No Brasil, o uso do espartilho foi até mais ou menos 1910, um alívio para as mulheres brasileiras, que sofriam em demasia. Veja estes comentários de um jornalista do início do século XX - Luiz Edmundo -

*"Os figurinos vinham da França (...)  
Havia duas constantes (na moda) no  
começo do século. Uma era o espartilho  
de Vante-droit. Era uma armação de  
fitinhas de aço ver+ de barbatana,  
sustentando um tecido elástico de seda,  
dividido nas costas e na frente e*

*Del  
TRAVE?*

ajustadas (...) Toda essa peça tinha <sup>22</sup> por fim forçar a posição da mulher, dar realce aos seis e comprimir o ventre (...), o perfil podia ser trocado por uma linha vertical, do seguinte modo: da cintura para cima, o corpo era projetado para a frente da linha, e da cintura para baixo era comprimido para trás. (...) A outra constante do vestuário feminino no começo do século eram as saias de arrastar (...) como a cauda não devesse arrastar, a senhora apanhava a saia por trás com a mão mais ou menos à altura da coxa. (...) Além de segurar a saia, toda senhora devia trazer consigo ou sombrinha ou guarda-chuva, pequena bolsa com dinheiro e o lenço sempre na mão". (16) (ver a figura do espartilho em anexo).

Além destes impecilhos das saias de arrastar<sup>R</sup> e dos espartilhos, as mulheres do início do século, não usavam maquilagem - Eram brancas como cera - A disciplina com relação a mulher era e ainda hoje é muito severa.

Não podemos dizer que exista uma homogeneidade com relação ao <sup>S</sup>vestuário. No campo, a ostentação de riqueza era feita através de outros símbolos, (quantidade de terras, etc.). Na cidade, sobretudo nos grandes centros a vida era mais movimentada - as mulheres bem vestidas iam para o teatro e para os salões de festa - Lá assistiam aos concertos nos finais de tarde, e sempre estavam muito bem acompanhada<sup>S</sup>. No campo, a manutenção do status dá-se através de uma ostentação completamente diferente da ostentação vestuária.

Gilda de Melo e Souza fala a esse respeito.

---

(16) NOSSO SÉCULO - A ERA DOS BACHARÉIS, Op., Cit., p-16.

Onde está  
o nome  
Bacharéis

N. Homogen  
dist:  
cidade  
cidade

23  
"Enquanto no grande centro urbano é através do consumo de bens e do requinte de maneiras que julgamos a respeitabilidade de uma classe, o indivíduo tendo necessidade, para atingir uma círculo muito mais vasto, de acentuar as diferenças sociais nos elementos passíveis de observação direta - como a vestimenta - no campo, onde o vínculo é comunitário e o grupo suficientemente pequeno, é através do conhecimento efetivo da história de cada um - de sua história familiar, econômica ou social - que situamos o indivíduo nesta ou naquela classe. Os valores preponderantes são, por conseguinte, outros? a ostentação da riqueza espelha-se - como diz Gilberto Freyre, referindo-se ao Brasil "- nos cavalos ajaizados de Prata ... no número de escravos e na extensão das terras". Em contraste com a vida europeizada dos burgueses de sobrado, esses rudes fazendeiros ricos movem-se dentro do maior desconforto, dormindo em catres ou redes, habitando casas nuas, com as roupas guardadas nos baús ou suspensas em cordas. A vestimenta como o interior das moradias, desconhece a moda". (17)

A influência francesa no vestuário feminino, no início do século, não se deu de forma homogênea. Nos grandes centros urbanos - as idéias e a cultura francesa chegava<sup>m</sup> e exercia<sup>m</sup> fortes influências - na zona rural, podemos dizer - a influência francesa no vestuário feminino, quase não existiu, quer dizer, existiu de forma pouco acentuada, menos acentuada do que na cidade. Como sempre a cidade é sempre mais movimentada do que a zona rural, mas não significa dizer que a moda não existia na zona rural - Elas, as

E OS  
DOCUMENTOS

---

(17) SOUZA, Gilda de Melo - "O ESPÍRITO DAS ROUPAS, 19 rimp. Ed. CIA. DAS LETRAS, São Paulo, 1987.  
pp-117-118

mulheres tinham uma forma de vestir-se específica - mas não concordo com Gilda, quando a mesma fala.

"A moda é um fenômeno apenas ligado às mudanças constantes". Entendo a moda como maneira de vestir-se, como o costume de vestir-se, não necessariamente como um fenômeno que tenha que está sempre mudando.

Na concepção de Gilberto Freyre, o imperialismo francês com relação a "modas de mulher" perdurou mais ou menos, até a década de 1930. Homens e mulheres da alta sociedade brasileira - de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Pernambuco - bebiam na cultura francesa - frequentavam os teatros parisienses, liam livros editados em Paris, tinham médicos em Paris, etc.

Ser da alta sociedade era estar vestido à moda de Paris, usar perfumes de Paris, calçar sapatos de Paris.

Por falta de uma pesquisa mais efetiva, não posso ainda falar de uma moda "brasileira", mas mantenho a minha hipótese de que existe uma moda originária do Brasil.

HIPÓTESE  
C. SISTEMAT  
ACERTE  
RECIBO 10  
SEM TÍTULO

**CAPITULO III**

**ASPECTOS DA MODA FEMININA NO BRASIL (1920-1930)**

papel de...  
totalmente...  
medieval...  
tentar...  
caran...  
estem...  
influenci...  
das el...

### ASPECTO DA MODA FEMININA NO BRASIL (1920-1930)

Os valores estéticos variam, pois, com o tempo, o meio, as raças e com os indivíduos - a forma de vestir-se também variam de acordo com esses valores. O costume de vestir-se, entre as mulheres brasileiras, no início do século também sofreu várias mudanças - em especial no pós-guerra - momento em que as mulheres assumem um papel mais ativo na sociedade.

Durante a época moderna, as mulheres assumiam o papel de procuradoas, e de mães da família. As jovens preocupavam-se em aprenderem prendas domésticas - rendar, tocar piano e outros instrumentos musicais -. O corpo era totalmente escondido, costume que tem origens na época medieval. Todas as senhoras das elites preocupavam-se em ostentar o poder aquisitivo do marido, - através das roupas caras e cheias de ostentações, com o cuidado é claro, de estarem bem cobertas.

No Brasil, não foi diferente, sempre muito influenciado pela França, em matéria de moda, as senhoras das elites seguiam à risca a moda em voga naquele País.

→ É O ~~SEU~~ BRASIL, ONDE FICA?  
Tudo Brasil

Sen  
Torne?

*mudança* No início do século era comum as mulheres usarem vestidos longos, chapéus e o famoso espartilho, que foi a tortura da moda para as mulheres. (ver foto em anexo).

*brasil* No pós-guerra, acontece uma espécie de revolução, na moda feminina, em todo o mundo Ocidental. O Brasil também assiste a esta revolução na moda feminina.

*simbolo* A Revista - "Guia Nova" - editada na Paraíba do Norte, na década de 1920, apresenta alguns modelos de vestidos de mulheres.

*Europa* Os vestidos chegam no meio da perna, são de tecidos claros - um tipo de jérsei -. As mulheres - jovens e senhoras - não usam mais chapéu, tão comum no início do século, e as luvas também tronaram-se raras.

*mudanças* Algumas jovens usam cabelos curtos, meias, e vestidos de mangas curta, e com um certo decote.

Na sociedade atual a mulher ocidental, e também as brasileiras - assumem um papel mais efetivo, do ponto de vista da produção, e o ranço patriarcal, é sede lugar para uma sociedade menos autoritária. O papel da mulher na sociedade, é redefinido. O corpo da mulher passa a ser mais valorizado, através do tipo de roupas que veste.

Aparece agora, uma parte dos ombros, das pernas e dos braços - sinal de uma maior valorização do corpo da mulher.

Esses vestidos indicam uma certa ruptura na forma de vestir da mulher ocidental e da mulher brasileira. A própria realidade da mulher no pós-guerra, promove esta

mudança - que eu chamaria de revolucionária -. A libertação das mulheres em relação aos espartilhos, e aos vestidos longos é uma dádiva, principalmente para as mulheres brasileiras.

Um exemplo de mulher brasileira revolucionária, é a personagem "Anaide Beris" do filme "Paraíba Mulher Macho" - símbolo da mulher moderna, que quer trabalhar, falar de política. Suas roupas são "modernas" - tecidos leves, como sinônimo de liberdade, e os cabelos curtos que era moda na Europa.

Símbolo da mulher que assume um papel diferente na sociedade - abandonando o papel de mulher submissa, típica de uma sociedade Patriarcal. Anaide Beris é o símbolo dessas mudanças na forma da mulher brasileira vestir-se.

## CONCLUSÃO

A partir de meus questionamentos e das minhas leituras sobre o tema - "moda" - cheguei a algumas conclusões. Existe no Brasil uma forte influência da moda francesa de <sup>FEMININA</sup> ~~mulher~~, num período que vai até mais ou menos 1930. Mas, porém esta influência não é homogênia - na zona rural ela se dá de forma menos acentuada.

Existe <sup>M</sup> várias formas de se conceber o termo moda. Gilles Lopovetsky - tomando por base a moda do vestuário - acredita que a mesma é um fenômeno tipicamente ocidental, e que surge a partir do século XIV. Neste caso, nas sociedades antigas não teria existido a moda. Então, para Gilles moda só existe quando atinge um alto grau de efemeridade e de transformação.

Para Gilda de Melo e Souza - a moda também é sinônimo de efemeridade e só veio a surgir a partir da época renascentista, com o surgimento das cidades, momento ~~por~~ que <sup>o</sup> cresceu o sentimento de disputa entre as pessoas.

Gilberto Freyre, entende a moda como um costume, como forma de vestir-se. Chega a usar o termo 'Modas de mulher' e 'modas de homem' - generalizando o termo modas,

para todo tipo de usos e costumes. Acredita ainda que, está surgindo uma moda especificamente do Brasil.

Concordo com Gilberto Freyre, acho que moda de vestir é um tipo de costume. É um costume como outro qualquer. Sendo assim, a moda sempre eixstiu, e existe em todas as sociedades do mundo - Porém, a partir do século XIX, a moda de vestir-se adquiriu um elevado grau de transformação. Transformou-se numa mercadoria, feita para o consumo - neste ponto concordo com Gilles LIPOVETSKY, que vê o século XIX como o período imperial da moda de vestir-se.

Acredito <sup>o</sup> ainda que <sup>o</sup> existe uma moda propriamente brasileira, e pretendo comprovar através de pesquisas. Houve realmente uma forte influência da moda francesa no Brasil, não só na vestimenta, mas em todos os sentidos.

Concordo ainda com LIPOVETSKY, quando o mesmo fala de uma moda que virou sistema, que passou por vários estágios, até chegar ao Prêt-à-Porter, iniciado a partir dos anos ~~de~~ 1950.

Observando as fotos em anexo, é possível entender <sup>o</sup> a desrazão da moda de vestir. Nós <sup>o</sup> aqui no Brasil continuamos nos vestindo de forma inadequada para o nosso clima - as roupas de malha não são propícias, em virtude do clima tropical brasileiro, também as calças jeans, os tênis, como o foram os vestidos longos e de mangas do começo do século.

Na atualidade, ainda existe uma forte influência estrangeira em nossa forma de vestir-se, mas <sup>o</sup> estamos

*P. 10/11/11*

caminhando para uma redefinição na forma de vestir-se. Estão surgindo modas "brasileiras". "Modas brasileiras" em todos os sentidos.

## BIBLIOGRAFIA

1. FREYRE, Gilberto - "MODAS DE HOMEM E MODAS DE MULHER" - 2ª ed., Rio de Janeiro, RJ, Ed. Record: 1986.
2. LIPOVETSKY, Gilles - "O IMPÉRIO DO EFÊMERO - A moda e seu destino nas sociedades modernas, 1ª reimpressão, Ed. CIA. DAS LETRAS, São Paulo, 1991.
3. SOUZA, Gilda de Melo e - "O ESPÍRITO DAS ROUPAS: A moda no século XIX. 1ª ed., São Paulo, Ed. CIA. DAS LETRAS, 1987.
4. (Org.) Abril S/A - "NOSSO SÉCULO" - A ERA DOS BACHARÉIS - 1900-1910. São Paulo, Ed. ABRIL CULTURAL, 1973.
5. REVISTA "ERA NOVA" - PARAHYBA DO NORTE, Ano II, Num. 28, 1922-1923.

**"Ela não produz as grandes obras,  
mas forma os grandes homens":  
é a senhora mãe, digníssima esposa,  
embaixatriz da família.**

peza e da arrumação, assim como a conferência do rol de roupas e a preparação do *menu* semanal, pode dedicar-se a bordar monogramas na roupa branca da casa ou a ler algum romance francês.

Depois do almoço, receberá para o chá das 13 horas as damas da sociedade, que fazem tricô e crochê para a quermesse da igreja.

Após o jantar, às 17 horas, a fatigada anfitriã repousa. À noite receberá a visita de alguns parentes. Entre um assunto e outro, haverá quem toque piano, cante ou declame poemas.

O certo, porém, é que em raros momentos a dona da casa teria gozado de algum conforto, pois, além de todas as restrições à sua iniciativa e liberdade, ainda existem aquelas ditadas pela moda. "O espartilho parecia inspirado na armadura medieval, mas era um tormento recebido com volúpia. (...) Se a mulher era gorda com pretensão a elegante, começava a comprimir as abundâncias dentro do estranho tormento. (...) Depois de cingido e apertado, 'madame' comparecia confiante e risonha a uma festa onde não podia comer nem tomar um copo de água porque a compressão do aparelho digestivo não lhe permitia tal liberalidade. Tinha de debicar como passarinho. (...) Não podia curvar-se. (...) Se rebentasse o cordão, aconteceria algo semelhante ao estouro de um pneu". (Barros Ferreira, historiador.)

E além de suportar os espartilhos, que lhe atrofiavam as costelas e espremiavam os rins e o fígado, uma esposa normal paria uma vez por ano. O pai, orgulhoso reprodutor, festejava cada nascimento, especialmente se o recém-chegado fosse do seu mesmo sexo. A mãe, por mais esgotada que estivesse, carregando dez filhos nas costas aos 25 anos, enfrentava passivamente cada nova gravidez, cortando e bordando as roupinhas da criança. Vestida no seu "fardão", cheia de enjões e "desejos", era tratada quase como uma doente. Se pretendia amamentar — o que não era muito comum entre as mulheres de elite, que transferiam esta função às amas-de-leite —, cuidava de tomar certos preparados, como o "Vinho Biogênico" ou o "Xarope Vitaminol", para garantir a maior quantidade e a melhor qualidade de seu leite. Caso contrário, o grande trabalho era encontrar uma ama. Porque o leite era de fato um problema. Comercializado sem as mínimas condições de higiene, tinha certamente uma boa parcela de responsabilidade nos altos índices de mortalidade infantil.



Moças com bandolim



Heleen Lantz: esposa do fundador da Escola Mackenzie, 1905

*Escrava das convenções, a mulher tinha um horizonte reduzido. Sua atuação social se restringia às demonstrações de fé, nas missas dominicais, de caridade, nas reuniões beneficentes, e de boa anfitriã, nos salões, em que expunha seus dotes musicais. Sem direito a voto ou participação política, sobrava à mulher o papel de mãe e educadora, sua principal tarefa na sociedade patriarcal*

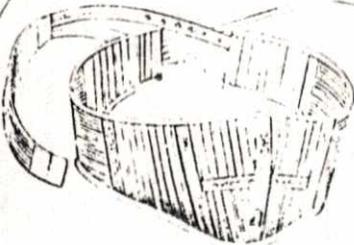
## Cinturinhas de marimbondo, traseiros em tufo: a doce tortura da moda



"Espartilho americano em superior coutil branco".



"Expansible — sólido e elegante espartilho, em fino tecido de malha, recomendado especialmente por sua extrema flexibilidade. Preço: 40\$500". (Reclame de A Brasileira, 1906.)



"Cinta abdominal da afamada marca Teufel. Preço: 12\$000".



"Colete de belo tecido broché, 4 ligas, rendas de boa qualidade. Modelo de irrepreensível elegância. Preço: 10\$000". (Reclame da Parc Royal.)

"Os figurinos vinham da França. (...) Havia (...) duas constantes [na moda feminina] no começo do século. Uma era o espartilho *devant-droit*. Era uma armação de fitinhas de aço ou de barbatana, sustentando um tecido elástico de seda, dividido nas costas e na frente e ajustadas por um conjunto de furos em que passavam cordões apertados. (...) Toda essa peça tinha por fim forçar a posição da mulher, dar realce aos seios e comprimir o ventre (...), o perfil podia ser traçado por uma linha vertical, do seguinte modo: da cintura para cima, o corpo era projetado para a frente da linha, e da cintura para baixo era comprimido para trás. (...) "A outra constante do vestuário feminino no começo do século eram as saias de arrastar. (...) Como a cauda não devesse arrastar, a senhora apanhava a saia por trás com a mão, mais ou menos à altura da coxa, e mantinha-a sempre segura, num gesto elegante, que evitava que a cauda fizesse a varredura das ruas. Além de ter de segurar a saia, toda senhora devia trazer consigo ou sombrinha ou guarda-chuva, pequena bolsa com dinheiro e o lenço, sempre na mão". (Jorge Americano.)

"Não há pintura de olhos, de lábios, nem de rosto. As mulheres (...) são figuras de marfim ou cera, (...) evadidas de um cemitério. Quando passam em bando, lembram uma procissão de cadáveres". (Luiz Edmundo.)

### O LUTO ELEGANTE



# Lindíssimos!

NÓSSO SÉCULO - A ERA DOS BACHARÉIS 1900/1910,  
Ed. Abril Cultural S/A, 1983



"Chapéu de feltro, debruado de galão fênis, com dois grandes tufos de tafetá fênis e penas de aves-do-paratso".



"Chapéu de veludo azul-violeta com broche de penas pretas".



"Vestido em serge bege, guarnecido de galões de veludo, aberto adiante formando revés. Colete de piqué branco, com galões de veludo formando atacador".



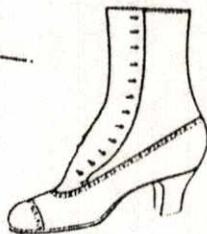
Modelo da loja A Brasileira, em "fino tecido de pura lã. Jaquette russa".



"Toilette de verão".



"Sapato 'Salomé', à Luiz XV, gáspea de verniz ou veludo preto; acompanha colarinho e pulseira de cetim preto; n.º 33 a 39".



"Botas com botões de pelica preta ou de cor, nos números 33 a 39. Preço: 25\$000; pelo correio, mais 1\$000".



"De Paris: vestido em mousseline de seda pura".

*Barraquês!*



"As senhoras vestem saias compridas, amplas, cheias de subsaias (...). Todas de cabelos longos, enrodilhados no alto da cabeça e sobre os quais equilibra-se um chapéu que, para não fugir com o vento, fica preso a um grampo de metal (...). Usam, como fazendas, o surrah, o faille, o chamalotte, o tafettá e o merinô (...), o infalível leque de seda ou gaze na mão". (Luiz Edmundo.)



**Júlia Lopes de Almeida**  
escritora

Quando a carioca Júlia Lopes de Almeida começou a escrever nos jornais, em 1885, encontrou forte oposição contra as mulheres jornalistas. Mas o surto de literatura feminina verificado na França, na última década do século XIX, contribuiu para diminuir esse preconceito. As famílias mais esclarecidas passaram a acompanhar suas obras realistas e bem-humoradas, publicadas em forma de folhetim no *Jornal do Commercio* (RJ). Assim surgiram romances como *A Família Medeiros* e *Correio da Roça*, e contos como *Reflexões de um Marido*, de que Arthur Azevedo retirou o tema da comédia *O Dote*. A terrível condição da mulher, "capricho da sombra do homem", que lhe vedava o voto e a obrigava a aceitar baixos salários e a prostituir-se aos patrões quando precisava trabalhar, é denunciada pela escritora em suas polêmicas conferências feministas.



**Suzana Casterá**  
cortesã

As damas da boa sociedade, mesmo as que animavam os salões literários tinham que policiar-se para que suas manieiras e sua conversação, pontilhada de francês, obedecessem a rígidos rituais de conveniência. Mas havia mulheres que pintavam o rosto, fumavam e entretinham animadas conversações regadas a vinho, falando o que lhes vinha à cabeça. E faziam sucesso com essa liberdade excessiva: eram as *cocottes*, as cortesãs, que as mulheres de família olhavam escandalizadas. No começo do século, com a indústria e o rápido crescimento das cidades, a efervescência da vida mundana tornou famosas donas de bordel como Suzana Casterá, no Rio. Sua elegante *Pension d'Artistes* recebia personalidades. Uma caricatura de *O Rio Nu*, de 1903, retrata-a dançando maxixe com Cardoso de Castro, chefe de polícia, na presença do Barão do Rio Branco e outros políticos importantes da época.



**Laurinda Santos Lobo**  
"diva dos salões"

Escritores e artistas, celebridades estrangeiras de visita ao Rio, nunca deixavam de ir ao salão da Sra. [Laurinda] Santos Lobo. Lá estiveram Anatole France [escritor francês], (...) e Isadora Duncan [bailarina norte-americana]". (Brito Broca.) Sobrinha de Joaquim Murinho, ministro da Fazenda de Campos Salles, dona Laurinda tinha como base de sua fortuna a poderosa Companhia Mate Laranjeira, com sede no interior de Mato Grosso. E morava num palacete no alto de Santa Teresa, onde era recebida a aristocracia brasileira, em *soirées* lítero-musicais. O nome de dona Laurinda figurava nas colunas sociais como um exemplo da elegância e da *noblesse* brasileiras, e famosos escritores estrangeiros a elogiavam. Em seu salão, "eram convivas frequentes Humberto Gottuzzo, um dos homens mais elegantes da época (...), o Barão Homem de Mello". (Brito Broca.)



Senhoras do high life carioca em atividade beneficente, 1905.



Desde pequenas, as filhas pretendentes têm de se conformar com a severa vigilância da mãe, avós ou tias. Quando forem mães, serão por sua vez carcereiras de suas filhas. Assim é que, segundo a revista Íris, aos 34 anos a mulher torna-se "um berço a embalar crianças"; aos 39, "é o purgatório das sobrinhas"; e, aos 40, "é a cartilha do Padre Ignacio".

É era isto mesmo!

CONTO DA QUINZENA

# ESPIRITO E MATERIA..

De EUDES BARROS

— Ah! miseros, tanta fortuna in-  
constante!

— Que brilha um instante—vos  
póde illudir!

— Os annos mais bellos—quão  
cedo se vão!

Simónides.

Elle era bello no espirito.

Mas no espirito, sóment

Su'alma era toda grega, simples,  
illustre, classica, serena como as  
estatuas antigas; devia ser formo-  
sa pela formosura dos sentimen-  
tos que sentia e que elle publica-  
va em sonetos e poemas por li-  
vros e jornaes...

Se o seu genio, porém, conce-  
bia, como um Pygmalião, crea-  
ções magnificas, não sabia suavi-  
zar os miseraveis aleijões, a tera-  
tologica infelicidade das suas fór-  
mas, dos seus gestos, do seu rós-  
to...

Elle nunca sorria. E se, por  
acaso, sorrisse, seriam os seus sor-  
risos como os sorrisos de um tumu-  
lto,—se os tumultos sorrissem...  
Seu nariz não evoluira. Achata-  
ra-te-lhe entre os olhos e a bôca,  
com aquella tenacidade cruel  
de uma coisa imperfeita. Os seus  
cabellos... Ah! os seus cabel-  
los... Ce dosos, grosseiros, ás-  
peros cabellos de quadrúmano...

Elle era um feio.

Um homem muito feio... Diria  
qualquer dessas meninas que só  
amam a belleza que os vermes  
devoram ou que os tempos con-  
somem...

Theophilo contava vinte annos  
de lagrimas, vinte annos de de-  
cepções, de amarguras, de dôr  
intermina, de morte!

Theophilo contava vinte annos.

Era poeta... (Que digo?)  
poeta lyrico, individualista, a La-  
margine; desses que em pleno  
seculo das machinas, da electrici-  
dade, da fabrica utilitaria non-

pisada pelos vehiculos ou pelos  
homens.

Fugira sempre do amor como  
o passaro da cobra venenosa...  
Mas a cobra venenosa magneti-

pagamento, dois sorrisos. Só  
dois! Um, ao ler as poesias, co-  
mo já disse. Outro, ao feli-  
cital-o. Mas logo deixou-o para  
reunir-se a um grupo de moças

Relanceia um olhar de rela-  
pago E'. E' o seu livro.

—E este, ó Joanna! que  
do! Estou arripiada... Que  
licia! lê...

Theophilo commoveu-se.

— Ah! se tu fôsse os meus  
sos... Como são amados...

Atraz de si, ao passar dia  
das duas mulheres, ouviu a  
uma voz que o louvára, ha  
dois minutos.

— "Bichinha... Olha que  
mem feio..."

Theophilo levou a mão ao  
to como se uma flecha infi-  
tamente aguda lhe furasse  
coração lado a lado...  
um grande espirito, entretan-  
Mas o homem feio, quando a  
padece mais do que Jesus e A-  
thô, por que o mesmo supli-  
desses dois martyres elle pad-  
na alma.

A tarde, tão fôa e compassi-  
serena como os olhos de u-  
creança doente ou du'a me-  
em êxtasis, vinha baixando  
renamente, despretenciosamen-  
com essa deliciosa lentidão, p-  
nhe de enlévo, dos crepusculos  
mericano.

Theophilo avistou Zuleika  
lhendo resedas no oitão da c-

Parou immovel como aqu-  
mulher que contemplára Gom-  
rha em chammias...

Zuleika deu-lhe um adeusim  
com a mão. E atirou-lhe uma r-

— E' tua, poeta...

— Tem coragem, senhorita,  
atirar ao chão o seu symbolo

— Atirei a ti...—riu-se Zu-  
ka como ria um pavão por  
elogio ás suas pennas.

— Senhorita Zuleika é uma  
nalda...

— Eu?

— E' a grinalda da vida...  
E repleto bem braxilho n-

SOCIEDADE PARAIBANA



Mlle. MARIA DO CARMO CUNHA

zou, venceu o passaro. Foi assim;  
Theophilo acabára de escrever no

que passavam rindo e chupando  
nitombas maduras

# TERA NOVA

ANNO III

NUM. 29



Mlle. Carminha Nenczes

## DO NACIONALISMO

O artigo de fundo estampado n' "A União" de 18 do corrente, sob a epigraphie acima, da lavra do sr. Alpheu Rosas, suggeriu-nos o desejo, aliás sem occultas intenções e no firme propósito de não manter polemica, de bordar alguns commentarios em torno da novel campanha appellada de "nacionalista".

Apesar de não ser, como muitos suppõem, uma innovação, descabida, nascida de improviso nos dias que passam, ella se accentuou e se tem intensificado, não ha negar, a partir de 1914, como um dos mais beneficos ensinamentos da grande guerra.

Dizemos ter sido um ensinamento proveitoso advindo do formidavel conflicto europeu, por isso que a par da premente necessidade em que nos vimos, no momento, de intensificar a nossa produção industrial, agricola e de todas as fontes de riqueza do paiz, balançando ao mesmo tempo todas as nossas possibilidades chrematisticas, fez reaccender o nosso espirito nativista no aguçamento do mais legitimo instincto de defesa, para a reação necessaria.

Os nossos brilos indirectamente offendidos pela ameaça collectiva ás nações contrarias ao imperialismo do momento, vibraram unisonos, polarizando-se na concentração de todas as energias aparentemente adormecidas, para a defesa da Patria, se assim se fizesse preciso. E nessa angustiosa tensão de espirito e de nervos, permaneceu a alma nacional durante o desenrolar tempestuoso do drama sanguiolento.

Não estando até hoje o mal de todo conjuncto, antes acirradas as rivalidades pelos interesses contrariados e mal advindos, é natural que nos conservemos de sobreaviso. Para isso, preciso é se não deixar arrefecer e apagar o "sagrado" do patriotismo, e necessario se faz manter acceso o mesmo orgulhoso entusiasmo por tudo que é nosso, por tudo que nos diz respeito. Ademais, ecoam ainda aos ouvidos da nação inteira a fervorosa prece da vica de Olavo Bilac, appellando, já no limiar da morte, como um illuminado, para o votamento patriótico da mocidade das escolas, para a abnegação da mocidade brasileira, guardadas asseguradoras da nossa soberania. No momento do perigo, quando este chegar, e que tal jamais aconteça, a nação inteira, cheia da mesma ardorosa fé, ha de marchar confiante ao lado dos batalhadores pela autonomia, pela grandeza, pela integridade do Brasil indivizível e uno.

Por mais apathicos que pareçamos aos

A historia e os factos assim o demonstram; e assim tem succedido desde os nossos primeiros movimentos de reacção nativista em que culminou o genio guerreiro de Vidal de Negreiros contra o predomínio batavo nas terras de Santa-Cruz, ás successivas investidas dos heróes de 1710, 1817 e os da Inconfidencia, para a nossa definitiva emancipação politica.

Entre esses dois feitos de maior relevo historico, innumerous outros, de não menos importancia, têm assignalado até nossos dias o valor e a bravura do nosso povo. Elles se



Mlle. Ninita Lins, filha do coronel Gentil Lins, industrial neste Estado.

têm firmado, de maneira insephismavel, não somente nas pugnas guerreiras, mas, sobretudo no heroismo stoico dos bandeirantes, na jornada da Laguna, e recentemente na conquista das selvas lethiferas da Amazonia.

Esta ultima, então, devemol-a exclusivamente á tenacidade e á resistencia dos filhos dos nossos sertões, quando a inclemencia das canículas esbraseantes os sacudiam famintos,

na inconstancia movediça daquellas terras mal firmes e a se dissolverem todos os dias na immensidade potamographica das aguas correntes, não só venceram a aspereza bravia do meio ambiente, como integraram o territorio acreano na communhão nacional, á custa do seu sangue, em troca da propria vida.

No entanto, esse mesmo povo que tão sobejamente tem demonstrado, nos momentos precisos, a superioridade das suas qualidades de nobreza, de valor, e de resistencia, tem vivído e continúa a viver ao desamparo e sem a mais leve protecção dos poderes publicos.

Enquanto os que vêm de fóra aqui se estabelecem sob a liberalidade das nossas leis, e aqui residem cercados de todas as garantias officiaes, como verdadeiros pupillos do Estado,



### Debaixo do Tamarindo

No tempo de meu Paé, sob estes galhos,  
Como uma véla funebre de cêra,  
Chorei billões de vezes com a cancelra  
De inexorabilissimos trabalhos!

Hoje, esta arvore, de amplos agasalhos,  
Guarda, como uma caixa derradeira,  
O passado da Flóra Brasileira  
É a palaeontologia dos carvalhos!

Quando pararem todos os relogios  
De minha vida, e a voz dos necrologios  
Gritar, nos noticiarios que eu morri,

Vollando á patria da homogeneidade,  
Abraçada com a propria Eternidade  
A minha sombra ha de ficar aqui!

AUGUSTO DOS ANJOS



no dizer de Euclydes da Cunha; os nossos patricios, obscuros sustentaculos da nossa nacionalidade, são postos á margem, e á semelhança dos páriás e dos reprobos sociaes, vivem á mercê dos vendavaes da sorte e das varias endemias que lhes corróem o organismo já de si apoucados pela sua corrigivel inferioridade biologica.

Enfraquecidos moral e physicamente, e sem



jectando a vida, se tem fartado de desmentir. Não será preciso transpôr o amphitheatro das sciencias mortas do mago Peladan, onde a sciencia do amor, com seus principios e doutrinas, é estudada tal como se fóra a metaphysica, a asctica, a ethica ou a esthetica, para chegar-se á evidencia de que a sensibilidade feminina nas suas disposições e estados affectivos, significa uma anomalia constante, inadaptavel a methodos e processos. A mulher ama porque quer, quando lhe convém, por força de habito, por impeto, por desfastio, por loucura, por degenerescencia. Nunca por determinação expressa da vontade alheia. Os moralistas mais avisados succumbem na immencia de estatuir as leis que regem a natureza de taes sentimentos. As definições que os visam andam por ahi atulhando ensaios e tratados, virtualmente defeituosas. Beyle, entre as variantes do amor, tantas vezes recapituladas nos seus livros, distinguia, como preponderantes, as que se referiam ao amor paixão, amor gosto, amor physico e amor de vaidade. Mantegazza ampliou de muito essas distincções. Não conseguimos atinar a qual especie de amor alludia o marquez, de Julio Dantas ao cogitar da felicidade do sobrinho, nas vespas do seu casamento. O velho e impenitente *nocer* preconizando a educação da mulher, feita pelo marido, para as suavidades do amor, após o contracto nupcial, deixa suppôr que quasi nada apprehendeu do inextricavel problema feminino. Se, antes do casamento, não se manifestou a necessaria reciprocidade de affectos, depois desse ceremonial -- o *remedium amoris* de Remy de Gourmont, concedido pela bondade de Deus á torpeza humana --, é que se tornarão nullos todos os esforços tendendo para esse resultado. Nem a Lei nem a Igreja, para não falarmos no codigo de felicidade amorosa do excellentissimo fidalgo, terão o poder sobrehumano de modificar-lhe o sentimento. Fôsem quaes fôsem as obrigações de ordem moral ou social que a compellissem a aceitar como companheiro da vida inteira o homem que lhe não era o escolhido, o tempo e a convivencia só servirão para aggravar o mal. A repulsa instinctiva perdura, a desaffeição augmenta, a antipathia recrudescce, e o casamento, em casos taes, tentando estabelecer o equilibrio de dois temperamentos antipodas, é lance perigoso. Ha quem ouse afirmar que a intelligencia do marido agindo com sabedoria, prudencia e obstinação seria capaz de debellar a crise. Puro engano! Essa intelligencia nada influiria, ou antes, seria uma força negativa nesse conflicto de organizações disparas e antinomicas em que estão em jogo,

vel, suggestão imperiosa que escapa aos dominios da psychologia. O marido, amado desde o primeiro instante, pôde excluir de suas cogitações a possibilidade remota de uma intemperie na vida matrimonial. De suas attitudes equivocas, de seus desregramentos, de suas fraquezas, absolve-o, com a persistencia de visão allucinada, o amor da mulher que tudo perdôa e justifica. Ao contrario, o pendor affectivo inexistente, o marido é um condemnado. Um moralista do amor, aplacavel com todos os moralistas, sustentou que não ha lei

### "ERA NOVA" NOS ESTADOS



As gentis senhorinhas ROSARITA CUNHA E LEONIE STRANCK, da sociedade de Florianopolis.

capaz de impedir de falar uma mulher tagarella, ou de procurar amantes uma mulher lasciva. Irrecusavel. Inutil educal-a, ensinando-lhe os deveres da esposa; inutil o empenho do marido superiorizando-se aos olhos de que lhe vota hostil indiferença; inutil revesti-lhe de idealidade e elevação os contactos intimos, seguindo os preceitos respeitaveis do marquez libertino. A mulher, em attitude subversiva, nada comprehende e nada quer, accetando tudo com a obediencia do animal brayio que, deparando-se-lhe a oportunidade, reage furioso, desprendendo-se dos grilhões avassalladores. O amor, na mulher, pelas suas incoherencias e contradições dá a lembrar aquella irrequieta ranariga de *Mon filleul*, caricaturada

Essa ventoinha bellicosa decidia-se "pela greve contra o patrão, pelo contra o individuo, pelo apache contra pela irresponsabilidade da falta de pela união e pela desunião livre, pela dade irrequieta, o recente e escandaloso tar, o cogumello da noite a tuberôsa nhã... Assim, o seu amor. Impossível lhe as tendencias e discrepancias, lhe as anomalias e aberrações, definidos estados emotivos e inconscientes. Já

que o amor é um desejo inhendido. Concupiscente talvez psychologia sexual ainda assiste-lhe a função espiritual, in e passional. Desejo de ser amado vera o douto Faguet, esclarece esse desejo impelle ao amor. mos, guiados pelo luminoso para o começo do fim? Hypo Delicioso mysterio, a mulher; ravel *blague*, o amor...

As reflexões que ahi vão, á leitura da linda chronica Dantas, não se originaram de ções abstractas, colhidas nas versias dos psychologos de ar representam as conclusões crio de "aiment" recalcitrant fez virtuoso na arte de amar tem, antes, o esforço exercido gas pesquisas experimentaes, procurou descobrir as trama da alma feminina, perquirindo excentricidades depois de di a estrutura moral. Quem, conheceu a mulher? Temos ante de nós, para o extase d olhos, a galeria animadora. mos, dentro de seu espirituallativo, essas estatuas palpita

são maravilhosas. Nora, Hedda Gablelita, Helena Muti, a Foscarina... A vistas mulheres ibsenianas! As ard voluptuarias mulheres de D'Annunzio o marquez lhes penetrasse a delirantlogia...

Mas o *charme* de Julio Dantas é r príncipe encantado. Puramente estí motivos que o atrahiram, nessa chre o amor, a sua imaginação fez pintura e não uma theoria; e, desviat didactismo dos systemas velhos, deu lusão, através de sua arte opulenta e um fakir predestinado que emergis scintillas divinas, encandeando-nos